



ARCHAEOLOGICAL STUDIES ON LATE ANTIQUITY AND EARLY MEDIEVAL EUROPE
(AD 400-1000 (ASLAEME SERIES))

Series Editors

Jorge López Quiroga –Artemio M. Martínez Tejera- Philippe Pergola-
Patrick Perin-Guido Vannini

Archaeological Excavations & Catalogues 2

Conimbriga tardo-antigua y medieval

Excavaciones arqueológicas en la *domus tancinus*
(2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)

Jorge López Quiroga
(Editor)

BAR International Series 2466
2013

Published by

Archaeopress
Publishers of British Archaeological Reports
Gordon House
276 Banbury Road
Oxford OX2 7ED
England
bar@archaeopress.com
www.archaeopress.com

BAR S2466

Archaeological Studies on Late Antiquity and Early Medieval Europe (AD 400-1000)
Archaeological Excavations & Catalogues 2

Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008)
(Condeixa-a-Velha, Portugal)

© Archaeopress and the individual authors 2013

ISBN 978 1 4073 1077 0

Printed in England by CMP (UK) Ltd

All BAR titles are available from:

Hadrian Books Ltd
122 Banbury Road
Oxford
OX2 7BP
England
www.hadrianbooks.co.uk

The current BAR catalogue with details of all titles in print, prices and means of payment is available free from Hadrian Books or may be downloaded from www.archaeopress.com

“Gestão e Rede Hidráulica de Conimbriga A *domus* de *Tancinus* e construções anexas”

Maria Pilar Reis

O transporte e distribuição da água no interior dos centros urbanos transformou-se numa das mais deslumbrantes manifestações do domínio técnico romano. A condição subterrânea da maioria destas construções permitiu a sua preservação em muitos dos locais onde outrora fervilhavam as cidades, transformando-se num elemento caracterizador dos aglomerados urbanos. Ao longo dos primeiros séculos da nossa era estas estruturas hidráulicas irão adensar-se em número e complexidade técnica, desempenhando um importante papel no processo de aculturação e implementação de estruturas sociais e políticas nas sociedades provinciais. Sobre esta temática podemos realizar uma abordagem meramente descritiva, mas uma reflexão mais profunda sobre este tipo de infra-estruturas trará consigo propostas interpretativas que ultrapassam a inegável justificação da necessidade vital da água para a vida humana. A introdução de novos métodos de gestão hidráulica, senão mesmo, a sua implementação em larga escala nos núcleos habitacionais, traduziu-se na importação de conceitos e atitudes que transformarão para sempre a teia social provincial, mas principalmente, contribuirão através de uma vasta rede de aquedutos, cloacas e canalizações, para a definição de cidade *versus* campo ou mundo agrícola.

Não necessariamente ao contrário do que terá ocorrido nas construções rurais, onde obviamente existiram estruturas hidráulicas para serviço doméstico, é na cidade que assistiremos à construção sistemática de circuitos de abastecimento e de escoamento, fenómeno puramente romano, como aliás já Estrabão argumentava quando acusava o desleixo e despreocupação das *polis* na gestão dos seus recursos hídricos (Leveau 1996: 155–167). O aglomerado urbano adaptar-se-á, utilizando conceitos complexos como por exemplo o de *serventia*. A construção dos ramais dos aquedutos ou mesmo das cloacas no interior da trama urbana implicou, em muitos dos casos, a passagem por terrenos ou construções utilizadas por particulares, mas também a recolha da água pluvial em cisternas que abasteciam várias famílias exigiu a aplicação do conceito de *serventia* urbana. Algumas páginas à frente referiremos a cloaca que atravessa o ângulo NE da Casa de *Tancinus*, condução de construção posterior à da casa, esta sobreposição implicou certamente um acordo colectivo entre todos os que beneficiavam desta cloaca. Mas a organização do sistema hidráulico urbano, que contava com o *curator aquarum* como responsável máximo, teve implicações evidentes na organização urbana motivando, no nosso

entender, uma maior flexibilidade criativa na concepção dos projectos arquitectónicos.

A adopção de modelos arquitectónicos específicos, nos quais a disponibilidade de água corrente e sob pressão transportada por canos de chumbo permitia usufruir da água como elemento decorativo, permitiu um aumento do tamanho dos peristilos dando lugar a jardins e fontes de projecto mais arrojado. Podemos questionar-nos se é possível utilizar os vestígios das redes de abastecimento e escoamento, associados a esta utilização doméstica da água, como um mapa da estratigrafia social da cidade? Numa perspectiva marxista de cidade a divisão social, com exclusão dos escravos que habitam em toda a cidade, estaria espelhada na divisão dos numerosos bairros e quarteirões que em função do estatuto dos seus habitantes seriam *insulae* ou *domus*. Se assim fosse, este modelo de divisão do espaço urbano umbilicalmente relacionado com a interpretação anglo-saxónica da cidade na antiguidade, poderia ser demonstrado, precisamente, pela rede de abastecimento e escoamento de águas. Seria matematicamente possível demonstrar que a percentagem de canalizações de abastecimento e escoamento de uma determinada área do aglomerado urbano era directamente proporcional ao estatuto social e económico dos seus habitantes. Equação correcta se admitíssemos que na cidade romana a divisão entre os grupos sociais era também uma divisão em guetos especializados, facto que esta longe de ser liminarmente demonstrado pela arqueologia. Na cidade da antiguidade a *taberna* ocupa o mesmo espaço que a *domus*, a *domus* é subdividida e alugada (a casa de *Iulia Félix* em Pompeia é, provavelmente, o exemplo mais vezes mencionado pela bibliografia: Parslow 1988: 37-48) as *insulae*, teoricamente adscritas aos patamares inferiores da sociedade romana, possuem canalizações em chumbo e fontes nos pátios centrais, ligações às cloacas, como bem o demonstram as *insulae* de Ostia, mas também a *insula* do Aqueduto de *Conimbriga*. Talvez, uma prova factual desta miscigenação do mapa social urbano é a já desmontada teoria da tripartição do *castellum divisorium* urbano, que em concordância com Vitruvio se subdividia tradicionalmente em fontes públicas, áreas públicas e privadas, mas da qual Frontinus não fará eco. Os cada vez mais bem conhecidos *castella* urbanos, entre os quais se destaca o de Nîmes, evidenciam a inexistência desta concepção de repartição. Neste caso, como noutros, a regra vitruviana expressa um desejo e não uma realidade, sendo o *castellum* de *Conimbriga* mais um exemplo do “anti-vitruvianismo”.

Neste equilíbrio precário que já então se definia entre o homem e o habitat construído surgiram parâmetros que enunciavam, de forma ainda arcaica, alterações na qualidade de vida das comunidades urbanas. Entre eles talvez o mais importante seja o esforço físico e conceptual em implementar alterações importantes na quotidianidade. O conceito de salubridade urbana será posto em prática, não só na cidade-mãe, Roma, que necessita desesperadamente de sobreviver a si mesma, como em todo o império onde se assistirá à implementação de sistemas de gestão hidráulica e de resíduos, transformados num insuspeitável veículo propagandístico.⁹

Por muito longínqua que surja *Conimbriga* no mapa do império, é nela que encontramos um dos exemplos lusitanos mais completos e onde se espelhou esta lógica de gestão dos níveis de salubridade urbana, o que se justifica pelos níveis excepcionais de conservação e não por engenhosas soluções adoptadas pelos arquitectos desta cidade lusitana. O aqueduto, as termas, o *forum*, mas também as fontes públicas e as cloacas que sublimaram a cidade de *Conimbriga* foram elementos que paulatinamente transformaram a vida de uma comunidade e a separaram, irremediavelmente, de um modo de vida rural.

É recente a atenção que a investigação arqueológica tem oferecido a estes aspectos menos eruditos da quotidianidade na antiguidade. Reuniões científicas como a promovida em Roma em 1997 por Xavier Dupré Raventós e Josep-Anton Remolà dedicada aos *sordes urbis* (Dupré Raventós-Remolà eds. 1999) são o mote para uma visão mais integral e menos idealista da cidade antiga, sem poder deixar de referir os trabalhos recentes de Gemma Jansen sobre a gestão hidráulica urbana.

Introduzimos neste texto uma análise, sintetizada, do que foram os principais momentos dessa cidade que capilarmente geriu o dia-a-dia dos conimbrigenses.

O caput aquae de Conimbriga.

Na actual aldeia de Alcabideque conservam-se, ainda hoje, os vestígios do que foi o início do aqueduto de *Conimbriga*, ou seja, da sua toma de água (Alarcão-Étienne 1973: 283-291; Alarcão-Étienne 1977). A nascente, de origem cársica, é formada por vários veios, provenientes de SE, que neste ponto determinado se juntam para formar a Ribeira de Condeixa, desenhando o talweg, por onde corre a ribeira em direcção a Condeixa-a-Nova. Desconhecemos quais foram os métodos de identificação desta fonte, mas certamente, e como sugeriu Vitruvio, terá sido examinada a flora que nas margens da ribeira nascia, a robustez dos habitantes locais e

porventura cozinhados legumes com as suas águas, observando o tempo de cozedura, a par da análise dos vestígios de calcário que a água deixaria num pote de bronze. Mas a escolha não terá recaído na nascente de Alcabideque apenas pelas qualidades químicas da sua água; a implantação topográfica da nascente e as características do percurso escolhido até à cidade terão sido determinantes. Entre a nascente e a cidade existe uma diferença de cota de 7 m, o que permitiu uma pendente aceitável para um aqueduto de 3 km de extensão, aqueduto que manteve uma pendente reduzida durante todo o percurso, não obrigando no seu traçado subterrâneo a importantes obras de escavação mas optando sim pela alteração da cota de distribuição no *castellum* construído no interior da cidade.

Não deixa de ser importante reflectir sobre a escolha de Alcabideque em detrimento de outras nascentes mais próximas, apesar da pequena extensão do trajecto escolhido quando comparado com os outros aquedutos peninsulares. Estará esta opção relacionada com a constância do caudal? Num trabalho de vários autores (Neto 1993/94: 171-180) foi analisada a qualidade da água de várias nascentes existentes na envolvente do planalto, por outras palavras, no vale formado pelo canhão flúvio-cársico onde hoje se implanta Condeixa-a-Velha. Num universo de cinco nascentes identificadas no vale de Condeixa-a-Velha, apenas uma é considerada de qualidade admissível/medíocre para consumo doméstico e agrícola, sendo que as restantes, águas tufo/arenitas, são classificadas como boas a excelentes, para ambos os tipos de consumo. Os autores sugerem que estas nascentes foram utilizadas durante o período pré-clássico sendo em período augustano substituídas pela água transportada pelo aqueduto. No recente estudo do aqueduto de *Conimbriga*, realizado pela autora destas linhas, propõe-se outra interpretação da gestão hidráulica da cidade em pleno período augustano. Entre 20 e 15 a.C. é construída a captação de água do aqueduto, a primeira fase da obra, como confirma a técnica de construção utilizada na edificação da torre. Todavia em período posterior deverá ter ocorrido uma readaptação da torre, como sugere uma das suas aberturas laterais, a par certamente de acções de manutenção dos pilares que suportam a esplanada que delineou o limite semicircular do espelho de água, como sugere a variabilidade de argamassas e técnica de assentamento dos vários pilares que ainda hoje regem esta estrutura.

O monumento foi iniciado com a construção de um dique, em *opera caementicia*, que retinha as águas das nascentes (**Fig. 15**). Desta estrutura conserva-se boa parte da impermeabilização do fundo a qual se estende até meio do espelho de água, bem como uma esplanada, que em semicírculo define o limite visual, suportada por um conjunto de pilares em *opera caementicia*, opção que permite o não constrangimento do caudal das nascentes. O espelho de água é delimitado a Norte por uma parede da qual apenas se conserva ténue vestígio, mas onde são visíveis as marcas da comporta que regulou, desde o

⁹ Esta visão provocatoriamente imperialista foi defendida numa publicação em 1976 por Philippe Leveau, o qual, como seria expectável, foi alvo de numerosas críticas (Leveau-Paillet 1976).

primeiro momento, o caudal deste pequeno dique. A argamassa hidráulica utilizada nesta secção do dique é formada por argila, cal e fragmentos de pedra calcária com uma granulometria de 3 a 5 cm de diâmetro. A parede que suportava a massa de água foi construída em escadaria, com caixotões de madeira e enchimento de argamassa, sistema do qual se conservam os negativos dos saibros¹⁰. A composição e natureza da argamassa foi objecto de criteriosa escolha como se deduz pela observação, a olho nu, da sua composição (**Fig. 16**). O mais profundo dos degraus utilizou pedra calcária de maiores dimensões, formando um alicerce mais robusto, seguiu-se um segundo degrau, mais estreito e de composição mais fina, sendo o terceiro e último um degrau, 20 cm mais estreito que o segundo e de argamassa ainda mais fina, com elementos pétreos mais pequenos. A parede do dique, externamente em degraus, e na sua face interna ligeiramente convexa, não devia atingir uma altura superior aos 1,20 m. A água, assim retida, era canalizada por um único braço de aqueduto situado no interior da torre de planta quadrada, no centro da qual, e antecedendo o início da canalização, se situava uma piscina de decantação que realizava a primeira limpeza das impurezas arrastadas pela corrente. O aqueduto desenvolveu-se subterraneamente em boa parte do seu percurso, com uma galeria de aproximadamente 1,54 m de altura por 0,74 m de largura, e pese às variações destas medidas constatadas ao longo do percurso. Não nos delongaremos na descrição pormenorizada desta estrutura, já realizada noutro estudo, porém cabe-nos referir que o aqueduto à sua chegada à cidade assumiu a arcaria como forma de suporte, culminando numa torre de decantação, mais conhecida como *castellum divisorium* (Alarcão-Étienne 1977: 60-61). É actualmente consensual que o *castellum divisorium* conimbrigense não funcionou sob o conceito transmitido por Vitruvius (com a repartição tripartida do caudal), mas sim e simultaneamente como caixa de decantação e sifão para alteração da cota/pressão de distribuição da água urbana¹¹. Numa primeira fase, a torre, com uma orientação ligeiramente diferente da actualmente observável, alimentava exclusivamente uma canalização subterrânea, em alvenaria, que abasteceu as Termas Sul. Podemos então justapor a data de construção do aqueduto com a construção das Termas Sul, assumida como augustana (Alarcão-Étienne 1977) e fundamentada na posição estratigráfica de alguns fragmentos de *terra*

sigillata itálica precoce e clássica e um *as* da Colónia Patrícia (*Corduba*), datado de 13/12 a. C.¹².

É num momento de grande actividade urbana durante o qual se intervêm no recentemente edificado *forum* e na praça que o antecede. Assistimos à definição das *insulae* do *vicus novus*¹³, cujo efeito na trama urbana conimbrigense representa uma tentativa de regularização cadastral, e à instalação da rede de abastecimento com canos de chumbo¹⁴. A escolha deste momento corresponde não só a um reforço no investimento na obra pública, mas também, à readaptação de algumas *domus* da cidade, entre as quais a construção do grande tanque central da segunda fase da Casa dos repuxos (Oleiro 1992).

Para assegurar o funcionamento do novo sistema de abastecimento é remodelado e adaptado o *castellum* urbano por forma a receber as novas canalizações. A implantação deste novo sistema terá obedecido a um faseamento, de difícil individualização. Comparativamente em Ostia a primeira *fistula* inscrita reporta-se a Calígula (37-41 d.C.), mas a rede hidráulica desta cidade do Tirreno só será legível após Domiciano ou seja nos finais do séc. I d. C. Em Roma as *fistulae* com inscrições recuam ao reinado de Vespasiano (69-79 d. C.), apesar de serem bem conhecidas as obras de Agrippa para as quais importou elevado volume de chumbo, parte do qual proveniente da Península Ibérica (Rodá 2004: 183-194). Não contamos em *Conimbriga* com inscrições sobre canos de chumbo (apenas um com grafitos de difícil leitura) mas as construções a que se encontram

¹² O *as* e um fragmento de *sigillata* itálica do tipo Goudineau 17 (entre 30 a 15 a.C) são provenientes da camada 17 identificada numa sondagem localizada nas estruturas que a Norte definem o limite do edifício termal. Este espólio está associado a um nível de ocupação anterior à construção de um pavimento de uma habitação pré-flaviana. Não é clara a associação destas estruturas ao edifício termal augustano, todavia parecem-nos mais seguros os dados da escavação do *tepidarium* (T2) do edifício termal de época de Trajano, que identificam na camada de preparação para colocação do pavimento em tijoleira do *hypocaustum* do *tepidarium*, dois fragmentos de *Sigillata* Itálica do tipo Goudineau, 17 e 23 esta última com uma datação entre 15 a. C. e o início da era (Alarcão-Étienne 1977).

¹³ Esta fase, que corresponde à continuação do projecto augustano, mas a qual se define com autonomia no plano urbanístico, com opções que claramente não correspondem à continuação de um determinado projecto mas à reinterpretação de um espaço é pormenorizadamente definida por V. Correia num artigo recentemente publicado (ver Correia 2004: 261-298).

¹⁴ Determinar este momento acarreta uma reflexão mais ampla sobre as intervenções/alterações da cidade entre o período augustano e flaviano. Se as *tabernae* da rua a Norte das Termas são desactivadas no momento em que se constrói o novo *forum* flaviano significa que todas as instalações de desagüe a elas associadas e que vertem para o antigo aqueduto, transformado em cloaca, deixam pelo menos em parte de ser utilizadas, ou seja, a substituição da canalização de abastecimento em alvenaria do edifício termal (Termas Sul) por canalizações em chumbo ocorre antes da construção do *forum* flaviano.

¹⁰ O registo das fundações da torre no *caput aquae* em Alcabideque decorreu no âmbito da minha colaboração como co-orientadora científica dos trabalhos arqueológicos de emergência realizados durante a obra de requalificação deste espaço urbano. Os trabalhos, da responsabilidade da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, tiveram a coordenação da Dr.^a Carla Alegria e decorreram em Fevereiro de 2005.

¹¹ A reapreciação do denominado *castellum divisorium* à luz das recentes investigações sobre esta temática, sugeriu esta nova interpretação. O *castellum* não apresenta as três divisões propostas por R. Étienne e J. Alarcão em 1977, mas sim uma caixa para alteração da cota de distribuição. Esta posição é em parte partilhada por Christoph Ohlig na sua recentíssima publicação (Ohlig 2001).

associados permitem recuar a sua introdução ao reinado de Nero.

A introdução de um novo sistema de abastecimento implicou, também, a construção de uma rede de cloacas, cujo projecto não se delineou num momento único mas que responde, como aliás era expectável, ao progressivo crescimento da cidade e ao aumento nos consumos de água, que obrigou a encontrar soluções eficazes de escoamento. Nalguns pontos da cidade, como por exemplo na Rua a Norte das Termas, são instalados bueiros para escoamento das águas pluviais, ligados à antiga canalização que abasteceu as primeiras Termas Sul, canalização agora convertida numa cloaca. Entendemos que muitos dos habitantes de *Conimbriga* utilizaram o permeável subsolo cársico sobre o qual assentou a cidade como fórmula eficaz de escoamento dos detritos líquidos, como aliás testemunhamos na vizinha Condeixa-a-Velha, onde as fossas sépticas domésticas estavam directamente ligadas às grutas, situação alterada no início do séc. XXI com a construção da rede de saneamento básico.

A Domus de Tancinus.

Estudar a rede de abastecimento e escoamento de uma *domus* romana exige, em primeiro lugar, o conhecimento profundo da estrutura e de todos os elementos constantes da rede hidráulica da casa e, em segundo, a seriação dos seus diferentes momentos construtivos. A rede hidráulica adapta-se circunstancialmente às variações e alterações que são impostas ao espaço habitacional, trilhando novos percursos e abandonando outros, desnecessários ou impraticáveis após uma reestruturação. A *domus* de *Tancinus* é, sem margem para dúvida um aliciante desafio nesse sentido, por se tratar de um espaço habitacional, transformado em período tardio, num espaço sagrado, com a reutilização de algumas das peças que formavam parte da estrutura hidráulica anterior, as quais, desprovidas do seu contexto original se reciclam na nova ordem funcional do espaço. Porém, é na definição desta sequência ocupacional que encontramos a maior dificuldade interpretativa.

A escavação de todo este quarteirão não obedeceu a um projecto único de investigação, é sim o resultado de várias intervenções que se desenrolaram desde as escavações sob a direcção de Vergílio Correia, em meados dos anos trinta do séc. XX, sucedendo-lhe uma segunda intervenção mais ambiciosa no decorrer da década de oitenta, relatada e anotada por Isabel Pereira¹⁵. É esta última investigadora quem, após a escavação de parte da necrópole situada na vertente Sul da edificação e a desobstrução de algumas das áreas da ínsula, pela primeira vez desenhará a planimetria do(s) edifício(s) atribuindo a cada um dos muros identificados uma numeração, a par de uma seriação cronológica dos

mesmos, sobre a qual assentará uma primeira proposta da sequência ocupacional do quarteirão. Com pequenas variações Justino Maciel (Maciel 1992: 75-9) assume esta interpretação e publica a primeira planta da denominada *domus* de *Tancinus*. Pese à controvérsia que estas interpretações podem suscitar hoje em dia, a ausência de registo arqueológico das escavações dos anos trinta, sugeriu a estratigrafia muraria como metodologia de trabalho válida, mesmo comportando inevitáveis constrangimentos interpretativos na obtenção de uma leitura sequencial.

No caso específico da *domus* de *Tancinus* o muro perimetral Norte é, porventura, um dos mais problemáticos, condicionando *a priori* a interpretação global das estruturas. A sua análise consente o facto de estarmos perante parte duma reconstrução contemporânea de um alinhamento antigo com a união de diversos panos de muros pertencentes a momentos diferentes. O muro conservado na zona de atravessamento da cloaca, num falso *opus vitatum*, contrasta com a técnica utilizada no restante muro, e a reconstrução, que em parte julgamos contemporânea, atenuou as diferenças unindo, talvez, o que nunca estivera unido.

As várias fases da Domus de Tancinus.

Podemos adscriver à primeira fase reconhecível na *domus* de *Tancinus* a construção de uma habitação centralizada por um *peristilum*, que funcionando como pátio principal da construção se estendeu num rectângulo, no interior do qual se optou por um jardim formado por um tanque lobulado (Correia-Reis 2006: 293–312) e dois canteiros laterais. Este tanque, revestido com fina camada de *opus signinum*, apresentava quatro repuxos, dois em cada um dos lados maiores e outros dois a meio da circunferência. Os quatro repuxos poderão ter sido cinco, se pensarmos que ao centro do tanque existiria um repuxo central. Desconhecemos como se procedia à condução de água mas poderia, na verdade, ser realizada pelo lado oeste do tanque. Deste sistema de adução, e dos canos originais em chumbo não se conservou qualquer vestígio, nem do ladrão, o qual certamente assegurou a manutenção de um determinado nível do espelho de água. Do seu sistema de escoamento apenas se preservou uma abertura, situada a SE, que assegurava o vazamento total do tanque. A canalização¹⁶, construída em tijoleira, talvez com tampas do mesmo material, escoava em direcção Este desenhando uma curva em ângulo recto após o limite definido pelo jardim. Este escoamento seguia pelo menos por 10 m, acompanhando a pendente natural do terreno imposta pela irregularidade do calcário, depois, numa curva mais suave para Sul perdendo-se depois o seu traçado final. Desconhecemos para onde vertia mas sem dúvida dirigia-se para o vale do Rio de Mouros, sumidouro natural onde desaguarão todas as cloacas da vertente Sul do planalto (Fig. 17).

¹⁵ Relatório depositado no arquivo do Museu Monográfico de *Conimbriga*.

¹⁶ Canalização n.º 222 do Inventário da Rede Hidráulica de *Conimbriga* (IRHC).

Esta tubagem de escoamento foi acompanhada por uma outra, gémea, que paralelamente desenhava o mesmo traçado. A implantação desta segunda canalização ¹⁷ poderá responder à necessidade em vaziar as águas acumuladas no jardim, ou talvez, estivesse originalmente associada a um sumidouro instalado no pavimento da ala Oeste do peristilo, mas do qual não se conservou qualquer registo. Não podemos deixar de considerar como terceira hipótese ser esta canalização o único vestígio de um tanque anterior.

São sem dúvida estes os primeiros elementos relacionados com a adução e escoamento de água que podemos registar na *domus* de *Tancinus*. Não os podemos datar, pela sua tipologia, mas sim confronta-los através da morfologia do tanque e conceito de jardim, com as outras casas de *Conimbriga* que exploraram este mesmo conceito de decoração do pátio central, espaço que na vida privada da cidade assumiu uma importância fundamental. Mas à mera caracterização formal, ou aproximação na caracterização arquitectónica do tanque, devemos acrescentar um elemento, que só por si não é esclarecedor, mas integrado na gestão hidráulica da cidade nos pode trazer alguma luz à localização do momento em que na *domus*, chamada de *Tancinus*, se construiu um tanque lobulado no peristilo. Se este momento, o da construção do tanque, for coincidente com a colocação de repuxos então estamos, sem margem para dúvida, num momento no qual já é possível a utilização de canalizações em chumbo. O recurso a repuxos com utilização de água sob pressão apenas é possível com canalizações em chumbo. A recente análise do denominado *castellum divisorium*¹⁸ permite compreender a sua readaptação para num determinado momento acolher a instalação de grandes canalizações em chumbo para distribuição pública e privada em larga escala. Sem nos delongarmos na aferição mais correcta do momento de construção das primeiras Termas Sul e respectivo canal de abastecimento, tema tratado num trabalho mais específico da autora destas linhas, convém evidenciar que num determinado momento a edilidade pública de *Conimbriga* acolhe uma obra em larga escala para implantação da rede de abastecimento de água, com um significativo aumento da percentagem de água concedida a particulares. Sabemos que existe um projecto público: a *fistula octogenaria* ¹⁹ identificada entre o *castellum divisorium* e a praça em frente ao *forum* assim o vem

confirmar. Apesar da não identificação de selos ou inscrições em canos de chumbo conimbrigenses, a sua dimensão atesta o seu carácter público como corrobora a mencionada *fistula octogenaria* cuja existência apenas faz sentido na rede primária de distribuição. Estas grandes canalizações subdividiam-se em outras mais pequenas que abasteciam os edifícios públicos e privados, os quais por norma optavam por canalizações de perfil mais reduzido e consequentemente mais económicas. Todavia a existência deste tipo de adução privada implicava que o proprietário da *domus* tivesse poder económico para pagar a derivação da canalização central até à sua residência, a par de um poder político e posição social que lhe permitisse ver o seu pedido deferido, o que nem sempre acontecia. Neste contexto a existência de uma adução em canalização de chumbo corresponde a uma conjuntura urbana singular, que não ocorreu antes de Cláudio, talvez coetânea à instalação do abastecimento na Casa da Cruz Suástica e na Casa dos Esqueletos.

O mesmo argumento não podemos aplicar à datação dos escoamentos relacionados com este peristilo da *domus* de *Tancinus*. Antes de mais ressaltar que a pendente que ambos escoamentos assumem, seguindo o declive da rocha mãe, sugere a inexistência de divisões ou espaços construídos entre o limite do peristilo e o muro que a oriente define um outro corpo construído. Todavia este último muro, que a ocidente define a cave, seria contemporâneo do desaguadouro do tanque. Posteriormente, a canalização que recolhe as águas pluviais do jardim (?) será irremediavelmente destruída por um muro, que mais tarde trunará este espaço aberto, e numa fase ainda mais recente a presença desta canalização será ignorada pela densa necrópole que ocupará toda esta área o que denuncia a sua anulação total em período pós-clássico. Diferente destino teve a canalização que escoava a água do tanque, que permaneceu activa até mais tarde, certamente porque o tanque se manteve em funcionamento por um período bastante lato.

Se validarmos a hipótese que o conjunto de construções que compõem a *Casa de Tancinus*, e alguns séculos mais tarde, a denominada basílica paleocristã, não são um bloco único e que a ínsula que a *domus* de *Tancinus* ocupou não apresentava uma área de 1000 m², mas sim de 750 m², área que corresponde ao padrão, sem dúvida irregular mas característico da mão do *arpenteur* que desenhou o *vicus novus*, então podemos propor uma análise sectorial mas na qual devemos simplesmente obliterar qualquer menção a todas as alterações e aglutinações pós-clássicas. Em síntese podemos dizer que: a estrutura da vertente Ocidental da *domus* é convincente; uma *fauces* ladeada por duas amplas divisões, talvez abertas para a rua principal e compondo duas *tabernae*; através deste corredor acede-se a um pátio/*peristilum* ladeado a Norte e a Sul por salas, que na vertente Norte, são mais do que intuídas pelo registo, são muros que assentaram sobre o afloramento e o talharam para dar maior área de utilização e uniformidade

¹⁷ Canalização n.º 221 do IRHC.

¹⁸ *Vid. supra*: nota 3.

¹⁹ Com 17,6 cm de diâmetro interno e com um perímetro interno de 55,29 cm a canalização de *Conimbriga* encontra-se entre os valores atribuídos às *sexagenarias* e às *octogenarias*; todavia o perímetro exterior real da canalização conimbrigense é de 63,5 cm valor que inclui a sua espessura. A *quinaria* refere-se ao perímetro da canalização e não ao diâmetro, como se faz actualmente, concretamente a múltiplos de 5 *digiti* (dedos) i.e., 1/16 pés romanos (0,018m). Se considerarmos os 17,6 cm em *digiti* teremos, por arredondamento, 10 *digiti* de diâmetro, que na tabela de A. Trevor Hodge (mais ou menos consensual) corresponde aos 31 *digiti* de circunferência identificada como octogenaria.

planimétrica ao piso térreo. Esta opção tem um paralelismo “genético” nas lojas a Sul da via, na ínsula do aqueduto, e no mesmo conjunto nas salas da cave situadas a Sul. O impreciso limite oriental da *domus* é identificado com um alinhamento que apenas seria possível após a construção da muralha baixo-imperial, e que num período pós-clássico será parcialmente desmontado para dar lugar à cabeceira da basílica.

Na vertente Norte, numa das últimas salas assinalada como pertencente à *domus*, é visível uma estrutura anterior, com orientação semelhante mas a qual foi selada pelo pavimento desta sala. Na sala interpretada como um possível *triclinium* (?) o registo de alinhamentos com direcção Norte/Sul não é claro. Existem pelo menos três alinhamentos um dos quais com uma torção evidente em relação à orientação da *domus*. Pertencerá também ele a essa estrutura anterior?

Uma sondagem realizada em 1999, entre a muralha e o limite da *domus* (Correia 2004: 273: Fig. 12) identifica uma estrutura anterior a esta construção e às Termas da Muralha. O muro registado está associado a uma soleira através da qual se acedia ao interior de um edifício de contornos imprecisos mas com uma orientação discordante em relação ao cadastro imposto pelo *vicus novus*. Estes dados comprovam uma ocupação augustana desta área da cidade, que em período claudiano será profundamente alterada com a imposição de um novo cadastro. A esta fase augustana deveremos adscrever as estruturas que identificamos nas Termas da Muralha, anteriores ao projecto termal, mas que provavelmente estão relacionadas com um primeiro edifício termal mais modesto, mas não podemos deixar de chamar à liça um outro dado.

Erroneamente considerámos em publicações anteriores, que a sala parcialmente englobada pela muralha do Baixo Império, pertencia ao edifício termal. Todavia a reavaliação destes dados e a montagem da planta de pormenor do edifício termal e da basílica demonstram a diferença de orientação entre o muro limite da *natatio* e o muro desta sala (Fig. 18). Por outro lado, estes muros perfeitamente conservados no “miolo” da muralha até ao arranque de um primeiro piso, formam uma esquina para o interior do edifício termal, deixando um esconso de impreciso acesso entre esta sala e a *natatio*, que aqui apoiava num muro (Fig. 19). Mas podemos acrescentar que desta se conserva a porta (sem soleira é um facto, mas o negativo da mesma autoriza a medição da cota original) a uma cota notavelmente superior à da zona envolvente da *natatio*, e que se estende para Oeste, como testemunha o muro identificado nas últimas campanhas de escavações na Basílica, e certamente objecto de mais longa descrição na presente publicação. Este último alinhamento prossegue por baixo da cabeceira da basílica até ao limite da zona actualmente escavada, a escassos dois metros do que será a soleira do espaço sagrado (Fig. 20).

Este muro, coerente na técnica, *opus vitatum*, e no seu alinhamento com o identificado no interior da muralha, forma no quadro actual de análise, o limite de uma estrutura, ou duma sala, que funcionou a uma cota algo inferior à do nível de circulação da basílica. É tentador associar ao interior desta estrutura os vestígios de pavimento que se observam por baixo do piso da basílica, mas teremos de aguardar por novos resultados arqueológicos para confirmar, ou não, esta hipótese.

Esta estrutura situada na ínsula da *domus* de *Tancinus*, aparentemente sem relação directa com o edifício termal, foi cruzada em determinado momento pela cloaca²⁰ proveniente da Casa de *Cantaber*. A cloaca desenhava-se em direcção NW/SE desaguando no vale do Rio de Mouros. Quando atravessava esta área transportava as águas provenientes das duas piscinas do *frigidarium* das termas de *Cantaber* bem como de outras construções situadas a ocidente das ditas termas, mas das quais nada sabemos. A datação desta cloaca só pode estar associada à construção do balneário de *Cantaber*, já que todos os outros elementos da Casa de *Cantaber* vertiam as águas através de colectores construídos em alvenaria, os quais desaguavam na cloaca situada a Norte da casa. O sistema de escoamento de *Cantaber* não é alterado com a construção do seu edifício termal. O *lacus* do *viridarium* que será sacrificado pela nova construção balnear escoava originalmente para Norte, integrado na rede original de escoamento das águas desta *domus*.

As únicas alterações, no sentido do escoamento, registam-se apenas com a construção do balneário (durante o séc. II d. C.) e mantém-se quando em finais do século III ou início do IV, se reforma o edifício termal e se lhe anexa uma nova piscina de água fria, insere numa abside, que permitiu um aumento da área do *frigidarium*. Esta irá desaguar numa canalização proveniente de Oeste juntando-se a escassos 1,5 m à da piscina anterior. As águas servidas eram então canalizadas pela cloaca, da qual reconhecemos o seu negativo escavado na rocha. Do seu trilho encontramos um outro indicador. Nos muros do ângulo NE da *domus* de *Tancinus* foram colocados, na primeira fiada visível, grandes silhares almofadados e rusticados que marcam a passagem do colector. Os dados da escavação em curso na Basílica permitem observar o que será o depósito no interior da cloaca, pelo menos numa fase em que esta se encontrava bastante assoreada. Não se observam vestígios do seu revestimento interno, apenas se regista uma camada deposicional que sugere a passagem de uma grande vala de escoamento, nível que será posteriormente selado pela cabeceira da basílica. Poderemos questionar-nos se esta vala funcionou como um *corrugus* destinado às águas servidas, ou se seria uma conduta subterrânea, perfeitamente isolada e dissimulada por um pavimento. Neste mesmo período, ou poucas décadas depois, a construção do peristilo truncado na Casa de *Cantaber*, cuja existência se deve ao aproveitamento do espaço ganho com a construção da

²⁰ Canalização n.º 224 do IRHC.

muralha, exige a instalação de um escoamento do tanque situado no seu interior. A manutenção de alguns dos pavimentos musivos que envolvem o novo bloco nos quais não se documentaram emendas que indiciassem o seu corte para colocação de um escoamento para Oeste, sugerem que este se procedia em direcção Sul, unindo-se certamente com as águas provenientes das novas latrinas, instaladas a Norte. As águas provenientes de *Cantaber* poderiam então ser escoadas pela canalização ²¹ identificada por Virgílio H. Correia em 1999 na sondagem junto à muralha, contudo esta canalização não se unia à cloaca, o que talvez se justifique pela proximidade da escarpa.

Podemos concluir que a instalação tardia desta cloaca e as alterações que a sua construção exigiu, visto tratar-se de uma canalização pública que irrompe no interior de algumas das construções não respeitando, como seria expectável, qualquer alinhamento cadastral, sugere o seu enquadramento num momento de reorganização desta zona da cidade, todavia não podemos ignorar que a construção do balneário de *Cantaber* ocorre quase um século depois da suposta reordenação cadastral desta zona da cidade questão que nos levanta alguns problemas na atribuição de uma cronologia mais precisa na concretização deste ramal da cloaca. Neste núcleo mais antigo, e que num determinado momento relacionamos com as Termas da Muralha, existe um conjunto de espaços, semi-subterrâneos, que pela sua orientação e técnica de construção poderíamos associar com a sala da muralha. Não sendo muito clara a disposição e funcionalidade atribuída a este conjunto de espaços, acessíveis por uma pequena escadaria escavada na rocha, é de notório interesse o importante conjunto de alterações fossilizadas (com acessos entaipados, e duplicação de muros) que narram de forma esclarecedora a sua dilatada utilização. Num dos muros, situado a Norte, com sistema construtivo interpretado por Isabel Pereira como mais antigo, existe uma reentrância de perfil semicircular, que acompanha toda a altura do muro ²² (Fig. 21). Aparentemente terá servido para a colocação de uma tubagem (¿cerâmica?) para escoamento das águas pluviais, vulgarmente denominado condutor, porém não sendo claro para onde ele desaguava. Podemos admitir que a sala, onde se instalou a caixa de desaguamento desta suposta canalização, é de construção posterior e portanto, num determinado momento tratava-se de um espaço ao ar livre (a identificação de um lajeado na última campanha de escavações da UAM sugere a existência de uma zona aberta nesta zona da construção) que mais tarde é reconvertido num espaço coberto, o que implicou a obliteração deste condutor de caleira. Mas a fossa escavada no pavimento, associada a esta canalização, sugere-nos a existência de uma caixa de desaguamento, quicá para armazenamento de água nalgum recipiente ou estrutura. Os dados presentes no terreno não são claros, mas o prosseguimento da escavação poderá trazer informações importantes para

melhor compreender este elemento. A movimentada alteração dos espaços deste quarteirão, com articulações e soluções diferentes de gestão da área disponível é prova consubstanciada da sua habitabilidade para além do período clássico. Um dos elementos nascido na casa de planta clássica será reutilizado séculos mais tarde, desvirtuado do seu carácter decorativo mas investido de um novo papel na dinâmica de ocupação. Referimo-nos ao tanque do peristilo da *domus* de *Tancinus*. Sem explorar a discussão que a sua utilização como baptistério poderá suscitar, e desconhecendo o contexto estratigráfico, que aqui seria fulcral, para comprovar a sua prolongada utilização, o tanque de jardim readquire nova funcionalidade, reintegrando-se num espaço certamente desarticulado da actividade anterior.

A reciclagem em período pós-clássico de elementos e espaços relacionados com a existência de água, como foram os antigos edifícios termas e tanques decorativos, transformados em lagares, ou mesmo pias baptismas, está largamente documentada por todo o império. Nalguns locais existiu uma relação próxima entre os *frigidaria* termas e a fundação de basílicas cristãs, movimento bem documentado nas margens do Mediterrâneo mas com especial incidência no antigo mundo helénico. Neste contexto é exemplo paradigmático o registado em Catania (Sicília), onde quatro dos antigos edifícios termas públicos da cidade de *Catina*, são transformados em igrejas. Esta ligação com a água, que no caso da transformação em espaço sagrado é interpretada como sinónimo de sacralização de um local emocionalmente associado à nudez e laxismo responde, manifestamente, à versatilidade em reconverter tanques, de elevada qualidade construtiva, em elementos úteis na nova arquitectura dos espaços. Não é num ambiente termal que documentamos a basílica paleocristã de *Conimbriga*, mas reaproveitando um tanque decorativo de um jardim, que em planta muito se aproxima de baptistérios como o de Idanha-a-Velha. Neste período as alterações da geografia local serão profundas. A rua para a qual assomava a fachada da *domus* de *Tancinus* é agora um espaço diferente. Dois fornos, um sobre a via e outro sobre umas construções situadas a ocidente, são as novas estruturas existentes. A poucos passos do forno situado na antiga rua surge uma canalização ²³, formada por peças cerâmicas propositadamente torneadas para este efeito, que acompanham o muro exterior da *Casa de Cantaber*, em sentido Norte-Sul e que se dirigem em direcção ao tanque do *peristilum* da *domus* de *Tancinus* ²⁴,

²³ Corresponde às canalizações registadas no IRHC com os n.ºs 218, 219 e 220. Ricardo Triães refere uma das peças que compõem esta canalização classificando-a como manilha (Triães 2003: 82–83), o autor insere este tipo de cano cerâmico no mesmo grupo das manilhas expostas no M.M.C. (n.º inv. A.90 e A91) publicadas no catálogo (Alarcão 1994) com as ref. 274.1. e 274.2. Todavia as peças expostas no museu e a canalização da *domus* de *Tancinus* não pertencem nem a mesma tipologia nem a um mesmo quadro cronológico.

²⁴ As fotografias das escavações de Isabel Pereira são testemunho capital da localização original desta canalização.

²¹ Canalização n.º 293 do IRHC.

²² Canalização n.º 223 do IRHC.

contornando o forno e entrando na casa, por onde outrora se desenhava a *fauces*. A sua colocação na via pública reproduz a pendente já existente no pavimento da rua clássica, mas a uma cota superior, testemunhando um evidente alteamento dos níveis de utilização. No interior da antiga *domus*, foi escavada uma pequena vala na qual se colocou a canalização cerâmica. A escassos 1,5 metros do tanque, a canalização desenha uma derivação para Sul, acompanhando a antiga ala do peristilo, mas o seu destino final não foi identificado. A outra prossegue directamente para o tanque lobulado, sem que se tenha conservado o ponto de chegada, curiosamente o tanque também é objecto de remodelação, cremos, no mesmo momento. O seu extremo Oeste foi parcialmente desmontado, e aumentada a área através da construção do receptor, côncavo, revestido com argamassa hidráulica. Esta alteração é sem dúvida realizada numa fase avançada, e sugere uma modificação do sistema de acesso ao tanque e da fórmula de adução. A qualidade da obra de ampliação do tanque é nitidamente diferente daquela que caracteriza a sua construção. Agora a argamassa repousa directamente sobre a terra, sem uma estruturação específica. Para além destes elementos podemos associar um outro dado significativo. A canalização em cerâmica é a única com estas características registada em *Conimbriga* (entre as 298 catalogadas), os restantes exemplos cerâmicos são peças singulares, que serviram de apoio na recolha de águas pluviais e apresentam morfologias e tamanhos diferentes daquelas identificadas na *domus* de *Tancinus* (Fig. 22). A peça que compõe a canalização de *Tancinus* apresenta um afunilamento num

dos lados que permite construir uma cadeia de macho fêmea, tem 36 cm de comprimento e um bocal interno com 4 cm de diâmetro no macho e 10 cm na fêmea. As peças encaixadas, foram depois seladas na zona do bocal por uma argamassa rica em cal, e assentes directamente sobre a vala aberta para o efeito, aparentemente sem uma tampa específica que a protegesse dos impactos causados pela circulação (Fig. 23). O baixo caudal transportado por este tipo específico de canalização, a par da sua fraca resistibilidade sugere que a adução principal fosse feita através de uma cisterna, situada certamente a Norte, não sabemos se na *Casa de Cantaber*, e consequentemente dela nada sabemos, ou se esta canalização nascia na cisterna que ocupou o pátio central da *Insula do Aqueduto*, sem porém se ter conservado o seu percurso até à Rua a Oeste da *Casa de Cantaber*. Salientar que no seu interior conserva-se uma espessa camada de calcário depositado, testemunhando a sua prolongada utilização. Podemos considerar que numa fase posterior, e após a basílica paleo-cristã ser trasladada para outro ponto do aglomerado, o antigo tanque de jardim foi reutilizado como elemento de apoio à laboração dos fornos. Talvez serviu como tanque para colocação de argilas, num momento em que as antigas estruturas são de novo remodeladas para esta nova finalidade, demonstrando a dilatação ocupacional desta área do planalto de *Conimbriga*, muito além do tradicionalmente aceite período tardo antigo. Mas os elementos hidráulicos não constituem aqui uma prova importante desta nova *Conimbriga*, apenas sugerem o que outros dados confirmam.

FIGURAS



Fig. 15. Torre de captação do aqueduto de *Conimbriga* (Alcabideque, Condeixa).



Fig. 16. Sondagem na torre de captação em Alcabideque.



Fig. 17. Canalização de escoamento do tanque lobulado.



Fig. 18. Sala parcialmente conservada no interior da muralha.



Fig. 19. Soleira da sala no interior da muralha.



Fig. 20. Alinhamento anterior à cabeceira da basílica.



Fig. 21. Vestígios do conductor de águas pluviais.



Fig. 22. Manihla ceramica proveniente da *domus* de *tancinus*.



Fig. 23. Percurso da canilização ceramica na rua a Oeste da *domus* de *tancinus* (Fotografia: MMC-BASC-29/F.89, 5).